

PAULO E A UTILIZAÇÃO DAS EXPRESSÕES “MALAKOI” E “ARSENOKOITAI” EM 1CORÍNTIOS 6.9

PAUL AND THE USE OF THE EXPRESSIONS “MALAKOI” AND “ARSENOKOITAI” IN 1 CORINTHIANS 6.9

Cláudio Araújo Machado¹

Resumo: Este artigo se propõe a fazer uma análise semântica e contextual das expressões “malakoi” e “arsenokoitai” na primeira epístola aos Coríntios. Para isto, se analisa o em primeiro aspecto a dificuldade em que o leitor das Sagradas Escrituras tem por ser sujeito de seu tempo, ou seja, cada indivíduo é recheado de seus pressupostos e ideologias, tendo a dificuldade em se aproximar do autor, contexto, texto e receptor que é de um período muito anterior a de quem faz a análise agora. Em um segundo aspecto, o artigo faz uma análise do contexto em que a comunidade cristã de Corinto estava inserida, partindo do pressuposto que a utilização das expressões que estão em análise, fazem parte deste cenário. E por fim, o artigo procura fazer uma busca semântica das expressões e, como algumas traduções da Bíblia utilizam os termos.

Palavras-chave: Paulo. Coríntios. Malakoi. Arsenokoitai.

Abstract: This article proposes to make a semantic and contextual analysis of the expressions “malakoi” and “arsenokoitai” in the first epistle to the Corinthians. For this, the first aspect is analyzed the difficulty that the reader of the Holy Scriptures has to be a subject of their time, that is, each individual is filled with their assumptions and ideologies, having the difficulty in approaching the author, context, text and receiver that is from a much earlier period than the one doing the analysis now. In a second aspect, the article analyzes the context in which the Christian community of Corinth was inserted, assuming that the use of the expressions that are under analysis are part of this scenario. Finally, the article seeks to make a semantic search for expressions and, as some Bible translations use the terms.

Keywords: Paul. Corinthians. Malakoi. Arsenokoitai.

Introdução

É inegável a importância da figura de Paulo apóstolo para a fé cristã como um todo, principalmente em sua expansão para o Ocidente, não somente pelo Kerygma da fé, como também fundamentos basilares, que até hoje são observados, discutidos e faz parte da reflexão nos mais variados âmbitos, seja acadêmico, eclesiástico ou nas catequeses.

Paulo é uma figura controversa, sua historiografia bíblica apresenta isto, também uma figura até hoje com inúmeros olhares críticos, a opção por este tema e das expressões analisadas a partir da utilização de Paulo, não foge deste contexto, onde mais uma vez

¹ Mestrando em Teologia (2020-2022), pela Faculdade de Teologia da PUC-SP, Bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. País de Origem Brasil. E-mail claudioamacha@gmail.com

existe a controvérsia e “releituras” daquilo que este missionário judeu-cristão tentou dizer a Comunidade cristã de Corinto.

Atualmente vive-se um ambiente de extrema tensão em todos os sentidos e a questão homoafetiva, de certa forma se encontra no centro de muitos debates e tentativas de explicações e de dar sentido a estas relações.

A proposta deste artigo, é lançar luz ao texto e as expressões utilizadas pelo apóstolo Paulo, no caso, “malakoi” e “arsenokoitai”. Tentar-se-á fazer o maior distanciamento possível dos vieses ideológicos, se é que isso é possível. Com isso, não significa, que princípios elementares hermenêuticos não serão observados, pois, a proposta é a análise das expressões no ambiente da Primeira Epístola aos Coríntios, com isso, o pano de fundo social e religioso e principalmente a razão pelo qual Paulo se apropria das expressões serão levados em consideração.

A ideia não é dizer o que cada um deve fazer com a conclusão que se chegar, e sim, trazer elementos consistentes para uma reflexão atual.

1. Um problema ideológico na interpretação da narrativa?

Ao se interpretar as Sagradas Escrituras, precisa-se ter em mente que cada indivíduo é em maior ou menor grau influenciado por suas “ideologias”. E quando se fala em ideologia, pode-se definir o termo da seguinte maneira: Ideologia é a reunião de certezas pessoais de um indivíduo, de um grupo de pessoas e de suas percepções culturais, sociais, políticas etc.

Segundo a sociologia, ideologia significa a reunião de ideias de um determinado grupo social, caracterizando seus próprios interesses ou responsabilidades institucionais (exemplos: ideologia cristã, ideologia fundamentalista, ideologia progressista, ideologia fascista etc.).

Nesse sentido, de certo modo a sociedade e seus atores, são orientados pelas “ideologias” que estes acolhem. Partindo deste pressuposto, como e o quanto estes princípios “ideológicos” têm influenciado o intérprete das Sagradas Escrituras? Existiria uma hermenêutica “isenta” de ideologismos? Importa salientar que a compreensão do que se ouve ou daquilo que se lê, é geralmente espontânea, pois as normas pelas quais se interpreta o significado ocorrem automática e inconscientemente. Quando algo bloqueia essa compreensão espontânea do significado, torna cada indivíduo mais cômicos dos processos que se utiliza para se compreender (VIKLER, 1999).

Há um abismo histórico no fato de cada um se encontrar largamente separados no tempo, tanto dos escritores quanto dos primitivos leitores. Ressalta-se que há também um abismo cultural, resultante de significativas diferenças entre a cultura dos antigos hebreus e a nossa. Segundo Garfinkel, sociólogo e fundador da etnometodologia, é impossível um observador ser objetivo e imparcial no estudo de um fenômeno (em nosso caso o estudo da Bíblia) (VIKLER, 1999, p. 12).

Cada indivíduo vê a realidade através de olhos condicionados pela cultura e por uma variedade de outras experiências. Garfinkel diz ainda, que é impossível estudar pessoas ou fenômenos como se estivéssemos olhando para um peixe em um aquário de uma posição fora do aquário: “cada um de nós está dentro do seu próprio aquário”.

Um outro ponto importante que deve ser anotado é a diferença linguística. A Bíblia foi escrita em idiomas como Hebraico, Aramaico e Grego. Três línguas que possuem estruturas e expressões idiomáticas muito diferentes da nossa própria língua. Deve-se ainda analisar algo significativo que se pode chamar lacuna filosófica. Onde opiniões acerca da vida, das circunstâncias, da natureza do Universo diferem entre as várias culturas. Para se transmitir validamente uma mensagem de uma cultura para outra, o intérprete deve estar ciente tanto das similaridades como dos contrastes das cosmovisões.

Quando se trata do tema “interpretação Bíblica”, ou uma “hermenêutica Bíblica”, esta continua sendo uma pauta polêmica, marcada por um amplo ambiente conflituoso, tanto no campo eclesiástico, quanto no campo acadêmico. A pergunta sobre “como interpretar corretamente” a Bíblia é repetida à exaustão, e os debates que ela suscita não dão mostras de se encerrar (FILHO; SANCHEZ; ZABATIERO, 2018).

Este debate se dá porque a Escritura Sagrada foi elaborada num tempo amplo e em situações históricas diversas, o que implica diferenciações em termos de expressão linguística e, sobretudo, em relação a certas concepções religiosas; um amadurecimento em que há um desenvolvimento progressivo, até que se tenha chegado à revelação plena expressa no Novo Testamento.

Tais diferenças são ainda mais significativas em relação ao leitor de épocas posteriores à colocação por escrito da mensagem bíblica (LIMA, 2020, p. 151). Este artigo parte do pressuposto, que a “inspiração divina” está presente no trabalho do hagiógrafo, que participa ativamente deste processo. Isso significa que o texto bíblico é fruto de uma singular união, embora em diferentes níveis, entre o “divino” e o “humano”.

Nesse sentido, particularmente este último elemento (o humano), sob a influência do carisma da inspiração. A Escritura oferece a revelação de Deus interpretada pelos hagiógrafos a partir de uma comunidade de fé e da fé professada, e em vista de sua constituição e consolidação (LIMA, 2020, p. 151).

Ao leitor de épocas posteriores, que traz em si outros pressupostos, cabe a tarefa de compreender e interpretar os textos. Considerados esses aspectos, duas questões se impõem: como chegar a uma interpretação que se adéque ao significado da Escritura tal qual Deus quis manifestar nos textos e como o leitor pode expressá-lo em e para sua época, tentando manter-se fiel aquilo que os textos expressam.

Para um mesmo texto, surgem muitas interpretações, algumas legítimas, outras questionáveis, outras descartáveis. Tudo depende do modo, ou melhor, do método com que lemos a Bíblia. Se existe a pretensão de que as Escrituras falem aos homens, seja qual for a cultura, a língua e o tempo em que vivem, precisa-se, cada vez mais, recolocar as Escrituras, na cultura, na língua e no tempo em que surgiu (SILVA, 2000, p. 11).

Nesse sentido, muitas pessoas são desestimuladas de ler e refletir sobre a “Palavra de Deus”, por acharem-na muito difícil, estranha e contraditória. Essa impressão negativa de que a Bíblia desperta nas pessoas está fundamentada em uma série de motivos (WEGMER, 2002, p.11-12):

1. A Bíblia foi escrita numa época muito distante da nossa, num estágio civilizatório diferente do atual.
2. A cultura da maioria dos textos bíblicos não corresponde à nossa cultura ocidental, mas, sim, à cultura própria do Oriente. Por isso, temos dificuldades em entender uma série de costumes, valores, modos de pensar e agir encontrados na Bíblia.
3. A distância que nos separa do período bíblico é também responsável pelo nosso parcial desconhecimento de uma série de grupos (fariseus, saduceus, zelotas, samaritanos, batistas etc.) e instituições (templo, sinagogas, casa/família, sínédrio, festas etc.) da época bíblica. Isso vale em relação às situações e instituições sociais, políticas e econômicas existentes no passado.

Ressalta-se mais uma vez, que a interpretação que realizamos está condicionada pelas lentes que usamos. Assim, uma pessoa com orientação evangelical ou carismática irá interpretar um texto de forma diferente de uma pessoa que se alinha com a teologia da libertação. Um indivíduo com formação petista ressaltará coisas diferentes que um evangélico ou católico tradicional. Da mesma forma, dificilmente serão iguais as

interpretações realizadas por pobres ou ricos, por homens ou mulheres, por brancos ou negros.

A interpretação da Bíblia estará sempre condicionada por nossa história de fé, cidadania, classe, cor, etnia e gênero, com a qual nos identificamos com maior ou menor escala. Estas são as lentes que trazemos conosco ao interpretar os textos bíblicos. Apesar de inevitáveis, eles escondem um perigo: o de não conseguirmos mais dar ouvidos ao que os próprios textos realmente querem dizer, mas de ouvirmos apenas o que gostaríamos que os textos dissessem. A Bíblia corre, assim, o perigo de ficar totalmente à mercê dos seus intérpretes (WEGMER, 2002, p. 12).

Nesse sentido, a proposta deste artigo é de procurar entender o mundo grego em que Paulo estava inserido, partindo do pressuposto de que a autoria da Primeira epístola aos Coríntios é do próprio apóstolo. E também, como a aplicação e a semântica das expressões *Malakoi*, *Arsenokoitai*, no contexto da Comunidade cristã de Corinto, a fim de que consigamos mesmo com nossas lentes chegar o mais próximo possível de seu sentido.

1. O ambiente religioso e moral na cidade de Corinto e o surgimento da Comunidade cristã na cidade

O livro de Atos dos apóstolos menciona que Paulo viveu dezoito meses no porto de Corinto (At 8.11). Durante aquela estada, transcorrido algum tempo, entrou novamente em conflito com os judeus, que o conduziram a presença de Galião, o procônsul romano de Acaia. A acusação foi a de que “este induz as pessoas a prestar a Deus um culto ilegal” (At 18.13).

Segundo os judeus de Corinto, Paulo andava fazendo esforços para difundir uma religião “sem Lei”, ou seja, sem a Torá.

Em Corinto, Paulo não pronunciou nenhuma palavra, pelo simples fato de que Galião se negou a envolver-se em uma questão que, em seu entendimento não dizia respeito a ele, e na qual não estava particularmente interessado (At 18.12-17). O conflito com os judeus alcançou seu momento culminante no princípio da estada de Galião na cidade. Isso significaria que Paulo empreendeu viagem a partir de Corinto, no verão de 51, o que supõe que chegou ali dezoito meses antes, no início do ano 50.

Os acontecimentos de Corinto não foram um caso isolado. A partir do momento em que Paulo colocou o pé na Grécia, sua pregação suscitou oposição.

Paulo conhecia Corinto muito bem. Para entender o conteúdo de suas cartas aquela comunidade, é necessário ter uma noção de como era a cidade. Com isso, ficará evidente que, em Corinto, haveria inúmeras diferenças entre os ambientes nos quais foi pregado o evangelho ao longo da fase inicial da história da Igreja.

Paulo era um judeu da diáspora, e como tal, não lhe era difícil cruzar as fronteiras do território judaico. Suas viagens através da Ásia Menor e da Grécia levaram-no as grandes cidades helenísticas (HEYER, 2008, p. 94). Se nelas viviam judeus, eles formavam uma pequena minoria.

Nos tempos de Paulo, Corinto era uma grande cidade, cheia de agitação.² As muralhas que a rodeavam tinham uma extensão duas vezes e meia superior à de Atenas. A situação da cidade pode ser considerada como ideal.

Corinto achava-se no cruzamento de importantes rotas comerciais, tanto terrestres quanto marítimas. Tinha dois portos importantes, o que fazia dela uma cidade cosmopolita, uma mistura de raças, religiões e escolas filosóficas.

As escavações arqueológicas demonstram que, naquela época, a cidade contava também com uma sinagoga, onde se reunia uma pequena comunidade judaica (HEYER, 2008, p. 94).

Corinto foi destruída pelos romanos no ano 146 a.C., em vingança por uma violenta rebelião de seus habitantes contra o expansionismo romano. Iniciou-se a reconstrução da cidade por ordem de Júlio César, no ano 44 a.C. Nas décadas seguintes, Corinto conheceu uma época de grande prosperidade econômica. Enquanto ali vivia, Paulo pode comprovar as consequências daquela prosperidade com seus próprios olhos: riqueza e luxo, numerosos edifícios imponentes e templos.

Nesse sentido, Corinto era uma cidade grande. Os portos, lhe davam fama e categoria internacionais, era também o centro administrativo da província de Acaia (na realidade, todo o sul da Grécia). Oferecia aos seus moradores e visitantes uma ampla gama de oportunidades de ordem religiosa.

Autores gregos e romanos nos séculos que antecederam o surgimento do Cristianismo referiram-se muitas vezes a Corinto como a cidade da fornicação e da prostituição. Os gregos haviam cunhado o termo “*corinthiazesthai*” (literalmente, “viver uma vida coríntia”) para descrever a imoralidade da cidade (KISTEMAKER, 2014, p. 17).

² Cf. A descrição da cidade em Stambaugh & Balch, *The New Testament in its Social Environment* (n.2) (HEYER, 2008, p. 157-160).

Os historiadores da época falam sem reservas do grande número de mulheres e homens dedicados à prostituição que exerciam seu ofício naqueles templos. O grande orador Demóstenes declara: “Temos amantes para nos regozijarmos com elas, depois escravas compradas, para cuidarem de nossos corpos, e, finalmente esposas, que devem nos conceder filhos legítimos e estão encarregadas de supervisionarem todos os nossos misteres domiciliares” (BOOR, 2004, p. 20).

A “prostituição sacra” também se tornou conhecida na Grécia. Em Corinto havia o grande templo de Afrodite, a “deusa do amor”. Em pequenas casas adornadas de rosas ao redor deste templo viviam mil sacerdotisas da divindade, que se entregavam a cada visitante no culto a ela. Para o sentimento da época, frequentar essas casas não tinha nada de escandaloso.

O fenômeno da prostituição sagrada era habitual no mundo antigo e somente alguns poucos o consideravam repugnante ou imoral. Não é de estranhar, que Paulo falasse tanto em “imoralidade” em suas cartas à comunidade de Corinto (1Co 5-7). Em que medida tinha de mudar radicalmente seu estilo de vida um pagão que se fizesse cristão? Seria proibido de uma vez por todas, a partir daquele momento, ir à procura das prostitutas do templo? (HEYER, 2008, p. 94).

Pressupõe-se que o nascimento da comunidade cristã em Corinto, vem a partir da segunda viagem missionária de Paulo (cf. At 15-18). O historiador há de reconhecer que caminha virtualmente às escuras. Pouco pode se dizer com segurança acerca da composição da comunidade cristã de Corinto (HEYER, 2008, p. 99).

A princípio Paulo chegou a Corinto sozinho. Na metrópole estranha encontrou trabalho e alojamento com o casal Áquila e Priscila, que – tendo chegado há pouco de Roma – havia estabelecido em Corinto seu empreendimento artesanal. É provável que o casal já abraçara a fé em Cristo em Roma. Como em todos os lugares, também em Corinto Paulo começou sua proclamação na sinagoga. Contudo, a oposição, especialmente da parte dos líderes eclesiásticos dos judeus, se tornou intensa (CHAMPLIN, 1998, p. 2).

Depois de desincumbirem-se de sua tarefa na Macedônia (At 17.14; 1 Ts 3.1), Silvano e Timóteo tornaram a unir-se à Paulo. Foi então que começou aquele “trabalho em equipe” sobre o qual Paulo lança um grato retrospecto (2 Co 1.19). Contudo, também nesse caso os judeus como grupo tomaram uma decisão negativa, em vista da qual Paulo foi obrigado a alugar um recinto próprio para seu evangelho, situado bem ao lado da sinagoga (At 18:6s) (BOOR, 2004, p. 21).

Paulo tomara como ponto de honra anunciar o Evangelho somente onde o nome de Cristo ainda não tinha sido pronunciado, a fim de não construir sobre fundamentos colocados por outrem. Essa afirmação (Rm 15.16), se aplica perfeitamente a Comunidade de Corinto (2Co 10.14-17). Desenvolveu-se logo uma comunidade composta em grande parte de gregos e de cristão de origem pagã, em geral de situação humilde (1Co 1.26-29; 12.2; 1Co 8.7; 10.14-20). Havia também elementos de origem judaica (At 18.8; 1Co 1.22-24; 10.32; 12.13) (CARREZ *et al*, 2008, p. 76).

Há algo que as duas cartas “canônicas” deixam muito claro, a comunidade de Corinto não formava uma unidade. Já no começo de sua primeira carta, Paulo sublinha enfaticamente esse problema:

Irmãos, peço, em nome do Senhor Jesus Cristo, que vocês estejam de acordo no que dizem e que não haja divisões entre vocês. Sejam completamente unidos num só pensamento e numa só intenção. Algumas pessoas da família de Cloé me contaram que há brigas entre vocês. Alguns de vocês dizem: eu sou de Paulo, eu sou de Apolo, eu sou de Pedro, eu sou de Cristo. (1Co 1.10-12).

Paulo está muito preocupado com essa falta de unidade, que o faz abordar o tema repetidas vezes (1Co 3.1-9; 10.23; 11.1; 11.17-34).

Com toda a sua criatividade, ele buscava imagens e concepções capazes de sublinhar a necessidade de formar uma estreita unidade (1Co 12.12-31).

Nesse sentido, a leitura das epístolas mostra que, formada de cristãos de várias procedências, essa comunidade tinha certa dificuldade para realizar efetivamente a comunhão de vida, havia tensões de toda a sorte:

- Entre judeus e gregos (1Co 12.13), uns queriam milagres, outros a sabedoria (1Co 1.18-31);
- Entre escravos e livres (1Co 1.18-3);
- Entre homens e mulheres (1Co 7.21-23; 12.13);
- Entre ricos e pobres (1Co 11.22);
- Entre partidários de Paulo, de Cefas e de Apolo (1Co 1-4);
- Entre os que queriam apossar-se dos carismas em proveito próprio e os que os usavam para a edificação da comunidade (1Co 12-14);

- Entre os partidários de conduta totalmente permissiva e os que tinham medo de enfrentar o mundo (1Co 8 e 10).

Qualquer pessoa que se detenha a analisar a composição da população de Corinto não estranhará essa falta de unidade dentro da comunidade cristã. Como poderiam pessoas de tão diferentes contextos sociais e religiosos formar uma comunidade?

Seria impossível conseguir essa unidade em poucos anos. Para semelhante processo, são necessárias décadas e muitas vezes gerações, pois, a comunidade incluía judeus que vinham frequentando a sinagoga regularmente desde a juventude, tendo os “mandamentos da Torá” como centro de suas vidas e consideravam por exemplo, a prostituição sagrada uma consequência abominável do culto aos ídolos.

Por outro lado, outros membros da comunidade cristã haviam considerado normal, até pouco tempo atrás, visitar o templo de Afrodite de vez em quando e ter relação sexual com uma das muitas prostitutas. Dentro de um prazo relativamente curto, os dois grupos faziam parte de uma mesma comunidade (HEYER, 2004, p. 100).

Paulo desafiou os cristãos a enfrentarem e superarem essas tensões. Pois o fato de pertencerem a Cristo, dava “garantias” de prevalecerem e criava ao mesmo tempo forte comunhão, que se tornava como que mensagem de Cristo (2Co 3.2) que todos os homens podiam ler com clareza (CARREZ *et al*, 2008, p. 77).

Havia, além disso, oposições na esfera social. Naquele tempo, Corinto experimentava um período de prosperidade social e alguns aproveitavam essa oportunidade melhor do que outros. Era inevitável que as diferenças entre ricos e pobres alcançassem também a comunidade cristã e ameaçassem sua unidade até o ponto de comprometer sua existência no futuro. Paulo tinha os olhos abertos a esse perigo. Reagiu dura e emocionalmente, algo que é evidente não somente pela passagem em que critica as irregularidades que aconteciam na própria celebração da “Ceia do Senhor”. Para dar mais força as suas palavras, recorda uma antiga e venerável tradição: *“Porque o mesmo que recebi e que vinha do Senhor transmiti a vocês”* (1Co 11.23).

2. O conteúdo da primeira carta e o contexto das expressões “malakoi” e “arsenokoitai”

A carta aos Coríntios, revela a quantidade de conflitos que percorria aquela comunidade cristã e de certo, envolvia diretamente Paulo apóstolo. Problemas das seguintes ordens (MESTERS, 2002, p. 94):

1. *Divisões, partidos e tendências na comunidade (1Co 1.10-4.21).*
2. *O escandaloso caso do incesto (1Co 5.1-13).*
3. *A incapacidade da comunidade em resolver seus próprios problemas (1Co 6.1-11).*
4. *O problema da imoralidade (1Co 6.12-20).*
5. *A questão do casamento: casar-se ou não se casar (1Co 7.1-40).*
6. *A questão da carne usada em despachos e sacrifícios no templo, e vendida nos açougues, o cristão pode comprar e comer, sim ou não? (1Co 8.1-10,33).*
7. *O comportamento das mulheres nas reuniões (1Co 11.2-16).*
8. *As divisões na hora de celebrar a Ceia do Senhor (1Co 11.17-34).*
9. *A explosão dos carismas e o gosto que os coríntios tinham pelo dom das línguas (1Co 12.1-14,40).*
10. *A dificuldade dos coríntios em aceitar a ressurreição (1Co 5.1-58).*

Paulo teve que encarar essa difícil questão. Estas notícias que lhe chegavam de Corinto angustiavam-no. Porém, estava em Éfeso e lhe era impossível empreender imediatamente a longa viagem até Corinto.

A situação na comunidade de Corinto, havia se deteriorado. Os da “casa de Cloé” (1Co 1.11), levou a informação “perturbadora” ao apóstolo Paulo, tanto que ele enviou a Timóteo (1Co 4.17) e escreveu imediatamente, lidando ao mesmo tempo também com uma carta recebida dos próprios convertidos em Corinto concernente a problemas acerca dos quais necessitavam de orientação (1Co 7.1) (BRUCE, 2017, p. 1282-1283).

Nesse sentido, Paulo resolve escrever uma carta, como já havia feito anteriormente (1Co 5.9). Em sua última carta, havia chamado a atenção para a “imoralidade”, mas, evidentemente, sem muito sucesso. As novas questões que chegavam a seu conhecimento versavam, em grande parte, sobre o mesmo tema. Não era de se estranhar, que a comunidade de Corinto se achasse em uma situação extremamente complicada (HEYER, 2004, p. 100).

Diante deste cenário caótico, Paulo poderia ter plena certeza de que qualquer opinião que defendesse, levantaria oposição, independente da pauta abordada. O conteúdo da carta é determinado pelas questões que chegaram até Paulo.

Considerando que Paulo escreveu algumas cartas, não é de se estranhar que seus escritos estejam em grande medida condicionados pelo tempo e pelo lugar. Paulo respondia a questões relativas a problemas concretos e tópicos. Os leitores originais estariam muito agradecidos a ele por isso, ainda que as vezes não estivessem de acordo com tudo o que ele lhes escrevia (HEYER, 2004, p. 101).

A primeira carta de Paulo à comunidade de Corinto está muito condicionada ao tempo e ao lugar. Seu tema principal é a ética. A conduta ética comum em Corinto, evidenciada pelos próprios costumes da cidade, encontraram algum tipo de apoio na comunidade cristã ali inserida. Isso produziu uma espécie de ética que era uma mescla de princípios cristãos e pagãos (CHAMPLIN, 1998, p. 3). As questões éticas monopolizaram toda a atenção nesta carta. Paulo era, inicialmente, um “teólogo prático”. Em nenhuma de suas cartas, ele empreende uma “discussão sistemática” de temas teológicos. O que o preocupava não era a discussão, mas a vida (HEYER, 2004, p. 102).

Nesse sentido, a primeira carta à comunidade de Corinto demonstra que, naquele caso, eram os problemas éticos os que mais preocupavam ao apóstolo Paulo, sendo acrescentado o problema da “unidade da comunidade”. Observa-se então, a importância ética como pano de fundo para fazer-se a análise das expressões “*malakoi*” e “*arsenokoitai*”, utilizada pelo apóstolo em 1Co 9.6, será observado como algumas das principais traduções das Sagradas Escrituras sugerem o uso destas palavras:

9- Não sabeis que os injustos não herdarão o Reino de Deus? Não vos iludais: nem fornicadores, nem idólatras, nem adúlteros, **nem efeminados, nem homossexuais** 10- nem ladrões, nem avarentos, nem beberrões, nem caluniadores, nem exploradores herdarão o Reino de Deus (BÍBLIA DO PEREGRINO, 2018, p. 2350).

9- Ou não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganeis: nem os impuros, nem idólatras, nem adúlteros, **nem efeminados, nem sodomitas**, 10- nem ladrões, nem avarentos, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o reino de Deus (BÍBLIA SHEDD, 2005, p. 1613).

9- Ou não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganeis: nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, **nem efeminados, nem sodomitas**, 10- nem ladrões, nem avarentos, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o reino de Deus (BÍBLIA GENEBRA, 2009, p. 1512).

9- Vocês não sabem que os perversos não herdarão o reino de Deus? Não se deixem enganar: nem imorais, nem idólatras, nem adúlteros, **nem homossexuais passivos ou ativos**, 10- nem ladrões, nem avarentos, nem alcoólatras, nem caluniadores, nem trapaceiros herdarão o reino de Deus (BÍBLIA NOVA VERSÃO INTERNACIONAL, 2003, p. 1960).

9- Então não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos iludais! Nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, **nem os depravados, nem as pessoas de costumes infames**, 10- nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados,

nem os injuriosos herdarão o reino de Deus (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2003, p. 1999).
9- Não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? 10- Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas , nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus (BÍBLIA APOLOGÉTICA, 2000, p. 1129).
9- Não sabeis que os injustos não herdarão o Reino de Deus? Não vos deixeis enganar: nem imorais, nem idólatras, nem adúlteros, nem os que se entregam as práticas homossexuais de qualquer espécie , 10- nem ladrões, nem avarentos, nem viciados em álcool ou outras drogas, nem caluniadores, nem estelionatários herdarão o Reino de Deus (BÍBLIA KING JAMES, 2012, p. 2204).

Percebe-se nas amostras das traduções de 1Co 6.9, onde a proposta deste artigo é focar as expressões *malakoi* e *arsenokoitai* apresentam-se das seguintes formas:

<i>Malakoi se apresenta nas traduções como:</i>	<i>Arsenokoitai se apresenta nas traduções como:</i>
• Efeminados, por 4 vezes.	• Homossexuais, por 1 vez.
• Homossexuais passivos, por 1 vez.	• Sodomitas, por 3 vezes
• Depravados, por 1 vez.	• Homossexuais ativos, por 1 vez.
• Práticas homossexuais de qualquer espécie, por 1 vez.	• Pessoas de costumes infames, por 1 vez.
–	• Práticas homossexuais de qualquer espécie, por 1 vez.

As traduções optam por relacionar as expressões gregas por homossexual, levantando-se assim, a possibilidade de uma crítica mais apurada entender se tratar de um anacronismo³. Contudo, é importante analisar o que os dicionários e léxicos Grego-português trazem como tradução para as expressões: *malakoi* e *arsenokoitai* e quantas vezes são utilizadas no Novo Testamento e na Septuaginta.

<i>malakoi</i> ⁴	<i>Arsenokoitai</i> ⁵
Mole, macio, suave; efeminado	Homossexual, sodomita, pederasta (DANKER; GINGRICH, 2003, p. 35; 129).
Macio, macio ao toque, delicado, ; metaforicamente um agente de lascívia antinatural, afeminado.	Um homem que pratica sexo com outro homem, sodomita, pederasta (MOUNCE, 2021, p. 120; 398)

³ Segundo o Dicionário Etimológico. “O primeiro registro da palavra homossexual é de 1848, criado pelo romancista alemão Karl-Maria Kertbeny, referindo-se aos homens que mantinham relacionamentos sexuais com parceiros do mesmo sexo”. Dicionário Etimológico, Etimologia e origem das palavras. 7 Graus. 2022.

⁴ “É importante ressaltar que a expressão ‘malakoi’ é entendida como o homem que tem o papel sexual passivo, quando existe a combinação com ‘arsenokoitai’, que é o que ocorre em 1Co 6.9”.

⁵ “Não foi encontrada a expressão ‘arsenokoitai’ na Septuaginta.

Relativo a ser suave ao tato, suave, delicado, luxuoso. 626 O homem que é parceiro passivo numa relação homossexual. Para um contexto com malakós, ver 1Co 6.9. Assim como o grego, várias outras línguas dispõem de termos totalmente diferentes para o parceiro ativo e parceiro passivo numa relação homossexual.	Um parceiro masculino numa relação homossexual. É possível que em certos contextos, arsenokoites se refere ao homem que é o parceiro ativo numa relação homossexual, em contraste com malakós, o homem que é o parceiro passivo (LOUW; NIDA, 2021, p. 626; 687).
Mole, macio, vestes macias, luxuosas, efeminado.	Homossexual, sodomita (RUSCONI, 2003, p. 78; 294)
Mole, delicado, efeminado; menino que tem relações sexuais com pederasta.	Pederasta, homossexual, “a expressão dupla malakoi e arsenokoitai, como homossexuais”, isto é, pessoas que costumam ter relações sexuais com o mesmo sexo; nesse caso, a primeira expressão se refere ao parceiro passivo, a segunda ao ativo (HAUBECK; SIEBENTHAL, 2009, p. 1011).

A expressão “*malakós*” em seus derivados encontra-se em: Mt 11.8; Lc 7.25 1Co 6.9. Já a expressão “*arsenokoites*” encontramos em: 1Co 6.9; 1Tm 1.10. Aparece uma vez na Septuaginta em Pv 26.22: sem conotação sexual.

Considerações finais

Ao se analisar o cenário em que a comunidade cristã de Corinto apresentava, onde se desprezava a palavra da cruz como sabedoria, menosprezava o apóstolo Paulo em detrimento a outros “grandes” líderes, dividia-se em facções, pessoas sentindo-se saciadas e ricas ao passo que excluía os pobres, aceitando relação ilícita entre um jovem e sua madrasta, dentre outros problemas que não condiziam com os ensinamentos apostólicos. Obviamente que questões éticas e morais eclodiriam no tocante aos valores cristãos no seio da comunidade.

Coube a Paulo apóstolo, observando este sombrio cenário ético e moral, resgatar os valores primordiais da fé cristã.

No tocante, aos termos utilizados por ele no v.9, mais precisamente “*malakoi*” e “*arsenokoitai*”, ele o faz, pautado em padrões que destoavam dos valores cristãos.

Paulo no contexto da primeira epístola aos Coríntios, não utiliza estes termos com um olhar única e exclusivamente aos cultos pagãos idólatras, onde, pressupõe-se que existiam práticas sexuais ligadas a estes cultos. Na epístola não há indícios que isto estava ocorrendo na comunidade cristã, mesmo com a sua ética pagã própria, porém, isso em hipótese alguma serve de argumento para legitimação de tal ação, ao contrário, Paulo elenca tais padrões como incompatíveis com a vivência cristã.

Não se pode tentar encontrar luz neste texto, desconsiderando os grandes temas que a epístola apresenta. Nesse sentido, a comunidade cristã de Corinto obriga o apóstolo Paulo, a assumir a árdua tarefa de sanar todas as questões conflitantes e discrepantes da comunidade cristã em detrimento ao Evangelho.

É verdade também, que por ser uma comunidade cristã composta por um certo número de cristãos oriundos do paganismo, e, esta mesma comunidade cristã estar inserida em uma cidade com todos os seus deleites e práticas idólatras, foi sendo construído um caráter dúbio, onde este contexto comum, conseguiu atrair e “conformar” (sentido de tomar forma) parte desta comunidade cristã. Porém, Paulo, deixa claro que condições e práticas como as apresentadas não faziam parte do escopo e valores dos ensinamentos apostólicos.

Este artigo, parte da prerrogativa da análise das expressões “malakoi” e “arsenokoitai” em seu campo semântico e contextual, exclusivamente apresentados na primeira epístola aos Coríntios. Nesse sentido, apresenta a utilização dentro do ambiente em que estas expressões foram utilizadas e o porquê da utilização pelo apóstolo Paulo, sem vislumbrar situações ou contextos estranhos a Primeira Epístola aos Coríntios.

Por fim, as traduções que foram anexadas a este artigo, com seu esforço de deixar o mais claro possível para o leitor e leitora contemporâneos, utiliza-se de expressões modernas, que por vezes, os que pensam contrários ao que o texto apresenta, utilizam como pressuposto para amenizar ou descontextualizar o que o apóstolo em si apresenta no texto das Sagradas Escrituras.

O que se conclui a partir da análise feita, mesmo cada um tendo os seus “óculos” ao ler a narrativa é que existe sim, uma determinação e um direcionamento para a comunidade cristã em Corinto, sinalizando que práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo, no caso aqui especificamente entre homens, não fazia parte das relações aceitas pelo ensino apostólico. Há de salientar-se que especificamente a expressão “malakoi” aparece no NT no sentido sexual apenas nesta epístola a Igreja de Corinto. Como observado as

demais utilizações desta expressão tanto no NT quando na Septuaginta não tem conotação sexual.

Esta análise tem como premissa dar ênfase ao debate, a fim de que cada pessoa possa ser entusiasta da pesquisa bíblica, buscando cada vez mais deixar o texto sagrado falar por si, tentando desconectar das malas “ideológicas”.

Referências

BIBLE Works for Windows. In: CD-ROM. v. 10.

BÍBLIA APOLOGÉTICA, Almeida Revista e Corrigida. Instituto Cristão de Pesquisa, 2000.

BÍBLIA GENÉBRA, Almeida revisada e ampliada. Editora Cultura Cristã, 2009.

BÍBLIA DE JERUSÁLEM. Paulus, 2003.

BÍBLIA KING JAMES. BV Books Editora Ltda, 2012.

BÍBLIA DO PEREGRINO. Paulus, 2018.

BÍBLIA NOVA VERSÃO INTERNACIONAL. Editora Vida, 2003.

BÍBLIA SHEDD, Almeida Revista e Atualizada. Vida Nova, 2005.

BOOR. W. Primeira Carta de Paulo aos Coríntios. Ed. Evangélica Esperança, 2004.

BRUCE. F. F. Comentário Bíblico NVI, Antigo e Novo Testamento. Vida, 2017.

CARREZ. M.; DORNIER. P.; DUMAIS. M.; TRIMAILLE. M. As cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas. Paulus. 2008.

CHAMPLIN. R. N. O Novo Testamento Interpretado vers. 4. Hagnos. 1998.

DANKER. F. W.; GINGRICH. F. W. Léxico do N.T. Grego-português. Vida Nova. 2003.

FILHO. J. A; SANCHEZ. S.; ZABATIERO. J. Hermenêutica Bíblica. Fonte Editorial. 2018.

HAUBECK. W.; SIEBENTHAL. H. V. Nova Chave Linguística do Novo Testamento Grego, Mateus-Apocalipse. Hagnos-Targumim. 2009.

HEYER. C. J. D. Paulo, um homem de dois mundos. Paulus. 2008.

LIMA. M. L. C. A Palavra de Deus em Palavras Humanas. Paulinas. 2020.

LOUW. J.; NIDA. E. Léxico Grego-português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos. Sociedade Bíblica do Brasil. 2021.

SILVA. C. M. D. Metodologia de Exegese Bíblica. Paulinas. 2000.

KISTEMAKER. S. 1 Coríntios, Comentário do Novo Testamento. Ed. Cultura Cristã. 2014.

MESTERS. C. Paulo Apóstolo, um trabalhador que anuncia o Evangelho. Paulus. 2002.

MOUNCE. W. D. Léxico Analítico do Novo Testamento Grego. Vida Nova. 2021.

RUSCONI. C. Dicionário do Grego do Novo Testamento. Paulus. 2003.

VIKLER. H. A. Hermenêutica Avançada, Princípios e Processos de Interpretação Bíblica. Ed. Vida. São Paulo. 1999.

WEGMER. U. Exegese do Novo Testamento, Manual de Metodologia. Ed. Sinodal. Paulus. 2002.

Recebido em: 19/07/2022

Aprovado em: 31/10/2022